E I E I T T Y A G
R N U J S R S B Z
S S V C V Y E H E
K G I A O O C L D
FICHEIROS
G E N T E I E L D S R
N Q E R C Y T U H O Z
K A U N W Q O K D H H
R V L H I L S I Z X M
T Q C I O G A F L O R
R N U J S R M B Z D I
E I E I T T Y A G E F
TNSJ
TEATRO NACIONAL SÃO JOÃO PORTO

Teatro Carlos Alberto
14-24 novembro 2013

ESTREIA ABSOLUTA

FICHEIROS SECRETOS

TEXTO E DIREÇÃO
ANA VITORINO
CARLOS COSTA

cenografia e figurinos
Inês de Carvalho
banda sonora original
e sonoplastia
João Martins
desenho de luz
José Carlos Coelho
cocriação
Pedro Carreira
colaboração na pesquisa
Ana Carvalho
Ricardo Lafuente/
Manufactura Independente

interpretação
Ana Vitorino
Carlos Costa
Pedro Carreira
e ainda
João Martins
voz-*off*
Arsélio Martins

coprodução
Visões Úteis, **TNSJ**

dur. aprox. **1:40**
M/16 anos

qua-sáb **21:30**
dom **16:00**

O TNSJ É MEMBRO DA
GOVERNO DE PORTUGAL | SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA
REDE UNIÃO TEATROS EUROPA
dgARTES DIREÇÃO-GERAL DAS ARTES

Por favor, a partir de agora chamem-me Chelsea

VISÕES ÚTEIS

Ao longo da última década, as dramaturgias originais do Visões Úteis desdobraram-se essencialmente em dois tipos de trabalho: por um lado, em processos criativos para sítios específicos, conotados com diversas experiências de Performance na Paisagem (em Portugal, Espanha, França e Itália) e com formatos diversos como *audio-walks*, instalações e deambulações em automóvel (ou mais recentemente numa cocriação para bicicletas); por outro lado, em processos criativos essencialmente teatrais e vocacionados para espaços interiores mais ou menos conotados com a prática teatral.

O primeiro tipo de criações associou-se sempre a calendários curtos e extremamente intensos, na medida em que se apostava na procura de processos e produtos nascidos diretamente da paisagem que os convocava. Já o segundo tipo de criações habituou-se a longos períodos de gestação, divididos por várias fases que se vão sucedendo ao longo de muitos meses, ou até alguns anos.

Tornou-se assim perfeitamente normal, neste segundo caso, ir integrando na dramaturgia os novos desenvolvimentos que o processo de pesquisa ia colocando em cima da mesa. A título de exemplo, podemos apontar, em *Monstros de Vidro* (2011), a inclusão no guião final de referências ao massacre de Utoya, perpetrado por Anders Breivic; isto num espetáculo que assumia o interesse pela responsabilidade entre gerações e tinha como ponto de partida a narrativa do *Flautista de Hamelin.* Ou podemos também recordar o modo como, em *Nióbio* (2012), a ideia inicial (mais uma vez associada a uma deambulação urbana) levava uma volta de 180º (transformando-se num espetáculo para palco) à medida que o processo criativo assumia um choque frontal com um país deprimido, com o seu próprio fracasso, e que se tentava entreter com grandes eventos, declarações de intenção e acordos de conveniência.

Naturalmente, estávamos preparados para que esta volatilidade se repetisse durante a criação de *Ficheiros Secretos*, e durante meses fomos fazendo simulações para admissão no MI5 (com resultados animadores), tentando melhorar a base de dados da CIA acerca de Portugal (ainda aguardamos que o nosso *feedback* seja devidamente considerado em Langley), apresentando a nossa disponibilidade para trabalhar com o SIS (não nos quiseram), ensaiando tentativas de criação literária com máquinas (houve quem se iludisse ao ponto de garantir que os resultados eram mais autênticos do que o modelo que imitavam) e, claro, dando uma particular atenção aos documentos secretos da NSA, que a ação de Edward Snowden ia tornando públicos.

Seria apenas questão, pensávamos, de bloquear essa realidade algumas semanas antes da estreia, para poder descobrir o espetáculo. Mas a verdade

é que, entretanto, a realidade ultrapassou toda a ficção que poderíamos ter imaginado. E, deste modo, os pontos de partida que, há cerca de dois anos e meio, se apresentavam de modo discreto no espaço público, começaram a ganhar contornos de *prime time*. Assim, entre 2012 e 2013, as questões relativas à privacidade, segredo e Serviços de Inteligência tornaram-se centrais na agenda mundial e nas preocupações da opinião pública.

Não que pretendêssemos assumir uma prática teatral com os contornos de atualidade próprios dos *mass media*. Mas não deixava de ser fascinante o modo como as narrativas se desenvolviam, constantemente questionando as nossas certezas e convidando a "só mais uma semana por favor" de exposição ao *mainstream*, antes de finalizar a fase de pesquisa. Ainda assim, quando no início de agosto partimos para férias, estávamos convencidos de que tínhamos um controlo suficiente sobre as narrativas que nos interessavam, suficiente para podermos criar a narrativa de *Ficheiros Secretos*.

Engano nosso. Porque em agosto – quando nem sequer estávamos a trabalhar nisto – fomos confrontados com uma brutal instabilidade das várias narrativas que tínhamos elegido como determinantes para a construção do espetáculo. Exemplo maior era dado a 21 de agosto por Bradley Manning, o analista acusado de traição por ter partilhado informação com a WikiLeaks. Em pleno verão, quando tudo parecia sintetizar-se numa questão definitiva – Manning é um traidor ou um herói? –, eis que o protagonista nos confunde: Bradley pede-nos que lhe chamemos Chelsea e confessa que sempre foi uma mulher.

No regresso ao trabalho, no final de agosto, optámos então por assumir esta mesma instabilidade como um ponto essencial do espetáculo em construção; e ainda bem que o fizemos porque, desde aí até à estreia, os desenvolvimentos associados aos nossos tópicos e protagonistas foram diários e cada vez mais inquietantes e surpreendentes. Acabámos assim numa partilha genuína de estupefação entre a equipa que criou o espetáculo e o público com que o vamos viver, ancorada precisamente no espanto que em cena se associa à instabilidade das narrativas.

E se no Visões Úteis gostamos de associar a nossa dramaturgia a uma espécie de "Antropologia Invertida" – operando um *flick flack* crítico e ficcional das imagens, mecanismos e linguagens do *mainstream* –, então não poderíamos ter vindo parar a um terreno mais fértil em que, dia a dia, se questiona não só os limites da ficção e da realidade, mas também a identidade dos próprios protagonistas e, acima de tudo, as motivações éticas e políticas que sustentam os fenómenos.

Obrigado, Chelsea!

1 de novembro de 2013

Segredos e enigmas

ANA VITORINO, CARLOS COSTA

A melhor maneira de entrar no sistema informático de uma empresa ou instituição é deixar uma *pen* caída no chão do parque de estacionamento, no início de um dia de trabalho. Mais cedo ou mais tarde alguém vai descobri-la e apanhá-la. E esse alguém não resistirá a inserir a *pen* no seu computador, para ver o que está lá dentro – fotografias comprometedoras, as notas de trabalho de um colega? E como esse computador estará ligado em rede ao restante sistema da empresa ou instituição, *voilá*! Rapidamente e sem grande esforço, o sistema é nosso!

Afinal, com todas as estratégias *hackers*, sistemas de descodificação, vírus e *bugs* sofisticados, parece que basta contar com o elemento humano. Porque é sempre o humano que falha. É o humano que se distrai e não repara que está alguém a espreitar-lhe por cima do ombro quando digita um código. É o humano que não consegue criar ou memorizar a palavra-passe perfeita. E é o humano que não resiste a espreitar, a tentar descobrir o segredo. Porque, afinal, a curiosidade é aquilo que faz dele humano.

Talvez mais humano ainda do que a curiosidade despertada pelo segredo – aquilo que outros sabem e nós não – seja o nosso fascínio coletivo pelo enigma – o que escapa à nossa lógica, ou responde a uma lógica outra, que não conseguimos apreender ou se perdeu no tempo. As estranhas ligações, as coincidências, os gestos incompreensíveis, às vezes parecem tecer uma teia, criar um código cuja chave cobiçamos e tudo fazemos para descobrir. A procura pode ser vã, mas move-nos incessantemente. Dizem alguns que essa procura nos move desde o tempo em que Adão mordeu a maçã da Árvore da Ciência, para saborear o conhecimento do Bem e do Mal. A tal maçã que paralisou a Branca de Neve e talvez tenha matado o matemático Alan Turing… Coincidências.

A espionagem – verdadeira ciência dos segredos – tem vindo a substituir o humano (a chamada Humint – *Human Intelligence*) pela recolha e análise massiva de sinais (a Sigint – *Signals Intelligence*). A maioria dos espiões modernos perdeu a teatralidade e já não anda no terreno, assumindo falsas identidades ou fazendo jogo duplo. Hoje, o espião está em frente ao computador, a analisar informação dispersa e a tentar encontrar, no conjunto de informações dispersas, um sentido, uma ameaça, uma possível conspiração. Não vê conteúdos, não escuta conversas, não olha para as mensagens. Para o espião moderno, as pessoas não são pessoas mas conjuntos de dados, gráficos de interações, sinais eletrónicos.

E os sinais avolumam-se, dia a dia, hora a hora, numa massa gigantesca de informação que é necessário monitorizar. Não havendo ainda os meios para tudo analisar, importa pelo menos tudo arquivar. Diz-se que o maior e mais rápido computador do mundo estará já pronto a entrar em ação, para que seja criado o maior arquivo de dados de sempre. Neste arquivo cabemos todos nós. Todos somos potenciais sujeitos de análise.

Aos analistas é pedido um distanciamento pessoal, emocional e ético em relação aos sujeitos, ao sistema em que trabalham e aos eventuais riscos pisados no processo. Como se a seleção de informação relevante e o alarme de conspiração não obedecessem a uma escolha que tanto tem de subjetiva, e que tanto deve ao especial contexto – histórico, político, militar – em que o próprio sistema está a ser utilizado. Um facto é um facto é um facto? Então, como explicar que o terrorista de um país seja o herói de outro, e o culpado de ontem seja o inocente de hoje?

Para que serve, afinal, esta obsessão arquivista? Este encapsular de dados, sobre os quais podemos tirar conclusões acertadas, erróneas ou simplesmente precipitadas, sempre sujeitas à alteração do nosso juízo com a constante chegada de novos dados? Para nos protegermos. Para nos precavermos. Para tentarmos controlar o incontrolável.

Na célebre entrevista do início deste ano, na qual revelava os detalhes mais polémicos deste grande sistema, Edward Snowden citava Benjamin Franklin: "Aqueles que abrem mão da liberdade essencial por um pouco de segurança temporária não merecem nem liberdade nem segurança". Benjamin Franklin que era cientista, como Alan Turing, e que criou o provérbio "An apple a day keeps the doctor away" (uma maçã por dia mantém o médico longe).

Coincidência?

Sim, apenas uma coincidência. Mas não menos fascinante por isso.

Joguemos o jogo

ANA ISABEL CARVALHO
RICARDO LAFUENTE

Em fevereiro de 2009, com mais duas pessoas, fundámos o primeiro *hackerspace* do Porto, o Hacklaviva, um espaço de emancipação tecnológica. O nosso fascínio pela cultura *hacker*, pelas implicações da tecnologia no dia-a--dia e pelo desejo de aprender e partilhar levou-nos a precisar de um espaço físico onde pudéssemos cruzar estas vontades. Desde *workshops* de soldagem, desmontagem e reciclagem de computadores, maratonas de tradução de *software*, conversas, *design* colaborativo de fontes, redes *wireless* comunitárias, produção portuguesa de música com *software* livre e um sub-coletivo dedicado ao *hacking* de dados abertos, vivemos três anos intensos e precários, cheios de energia e sem apoios financeiros. O Hacklaviva cessou as atividades em março de 2012, deixando por conta própria o coletivo do Transparência Hackday, que segue incansável a viagem por entre os dados abertos, a cidadania consciente e a informação pública.

Apesar da frequência com que falamos de temas como *hacking*, *software* e cultura livre ou dados abertos, raramente parámos para as descrever. A desafio do Visões Úteis, sentámo-nos pela primeira vez para escrever sobre estes mundos, focando sobretudo a desmistificação de temas e termos deste universo.

Há vários anos que colaboramos com o Visões Úteis. Essa colaboração costuma aparecer num momento mais tardio e restringe-se sobretudo à criação da imagem gráfica do material da peça. Apesar desse carácter mais recuado, temos sempre acesso à pesquisa e apontamentos que o grupo reúne durante a construção dos espetáculos. Um arquivo cheio e vasto, com apontamentos de várias viagens coletivas. Nestas colaborações, vamos entrando no seu processo criativo, como convidados para jantar na casa de um amigo. Nos *Ficheiros Secretos*, convidaram-nos a entrar na cozinha, a selecionar ingredientes e condimentos, enquanto os víamos colocar coisas sobre o lume e mexer a colher de pau.

No final, sentamo-nos todos juntos à mesa. Falemos de ficheiros e de segredos.

Poder na técnica

Desde os primórdios da Internet que nos referimos aos seus meandros como um mundo virtual. Talvez por influência de narrativas futuristas, onde são idealizados mundos paralelos potenciados pela tecnologia, existe uma distinção constante entre o virtual e o real – este último referindo-se à existência física concreta, longe da mediação dos sistemas digitais.

Esta distinção introduz um terrível nevoeiro na nossa tentativa de compreender o que se está a passar neste momento da História: é que as experiências "virtuais" de ação/interação não são menos reais por serem

mediadas pelo digital. "Virtual" é um termo que só dificulta uma compreensão honesta, séria e crítica do estatuto da tecnologia nas nossas vidas individuais e coletivas.

Neste novo contexto histórico, onde a tecnologia digital vem causar profundas alterações em todas as facetas da humanidade, são os operadores quem se encontra, subitamente, com um poder desmesurado. Falamos dos administradores dos sistemas e das redes, as pessoas que criam e mantêm as enormes bases de dados e as estruturas que as sustentam, sem qualquer restrição de acesso. É quem controla a técnica quem tem maior poder sobre ela.

Lentamente, ganha forma o potencial de criar verdadeiros mapas de comportamento, contendo informação abundante sobre a vida privada de cada pessoa – onde esteve, o que consome, como se comporta –, o sonho último de qualquer Stasi ou KGB.

Esta tendência crescente de digitalizar e quantificar comportamentos está presente em imensas facetas da nossa vida contemporânea. O conjunto de opiniões, perspetivas e preferências à volta de um tema específico torna-se quantificável – o número de "likes" –, analisável e, portanto, comerciável. Uma das maiores fontes de lucro para a Google e o Facebook é exatamente esta informação quantificada, com que podemos mapear preferências e tendências em *rankings* imaculados, que poderão ser revendidos ou cedidos a terceiros, num mercado em franca ascensão.

Quando cai o pano, o que acontece a essa informação? Podemos confiar que os computadores são desligados no final das análises e que os dados serão esquecidos? Irão os operadores dessas bases de dados, bem como os autores dos programas que as gerem ou os seus superiores, assumir responsabilidades no caso de fuga de informação ou quebra de privacidade?

Para que estes mecanismos funcionem, é necessário acostumar a opinião pública e tranquilizá-la, apresentando a vontade de recolher informação cada vez mais pormenorizada como algo benéfico e natural. Introduzem-se palavras sonantes ("big data", "marketing behavioral") e ofertas ou descontos aliciantes, como forma de suavizar o caráter invasivo e totalizador desta recolha profunda de informação pessoal. Propõe-se o seu uso comercial como mais uma forma de empreendedorismo e extingue-se qualquer contestação, fazendo o público esquecer que houve um dia em que essa concentração dos nossos pormenores não era, de todo, aceitável.

O *hacking* como saída

É na *stock art*, ilustração e fotografia pré-fabricada e pronta a acompanhar qualquer texto, seja notícia, artigo ou história ficcional, que vemos surgir imagens do estereótipo do *hacker*. Vestido de escuro e com a cara tapada por uma balaclava, de luvas e com uma lanterna apontada ao teclado. A sua mão chega a nossa casa vinda do ecrã enquanto apanha com precisão cirúrgica uma *password* desprotegida. A máscara de Guy Fawkes.

A linha de fundo que permeia todas estas imagens é a de que se trata de personagens perigosas e obscuras, enredadas em operações criminosas.

O termo *hacker* surge nos anos sessenta, no MIT (Massachusetts Institute of Technology), associado ao modelismo de comboios. Identifica o gozo e a determinação em encontrar soluções a partir de meios ou combinações

inesperadas. Aquilo a que poderíamos chamar "pensar fora da caixa" ou "espírito MacGyver". Uma pitada de desenrascanço e uma pitada de elegância para resolver qualquer problema.

O *hacker* é a pessoa que consegue esta dose de equilíbrio entre a inteligência e o humor na forma de lidar com determinadas situações. A ideia generalizada de que os *hackers* são génios da programação que resolvem tudo através do computador, à distância, no aconchego do seu quarto, é um retrato limitado.

Cracker é o termo utilizado para descrever os *hackers* que preferem operar fora dos confins da lei, para ganho próprio. Um dos *crackers* mais conhecidos e eficazes, Kevin Mitnick, executou grande parte dos seus feitos através de técnicas daquilo a que chamamos engenharia social: obter acesso sem recurso a artifícios técnicos, dependendo da interação com outras pessoas e contextos para explorar as fraquezas da natureza humana. São formas simples de conquistar sistemas e aceder a informação classificada sem passar pelas vias que esperaríamos de um "ciber-criminoso". São também formas perversas, que nos mostram como a interação humana tem tantas falhas exploráveis quanto um sistema informático.

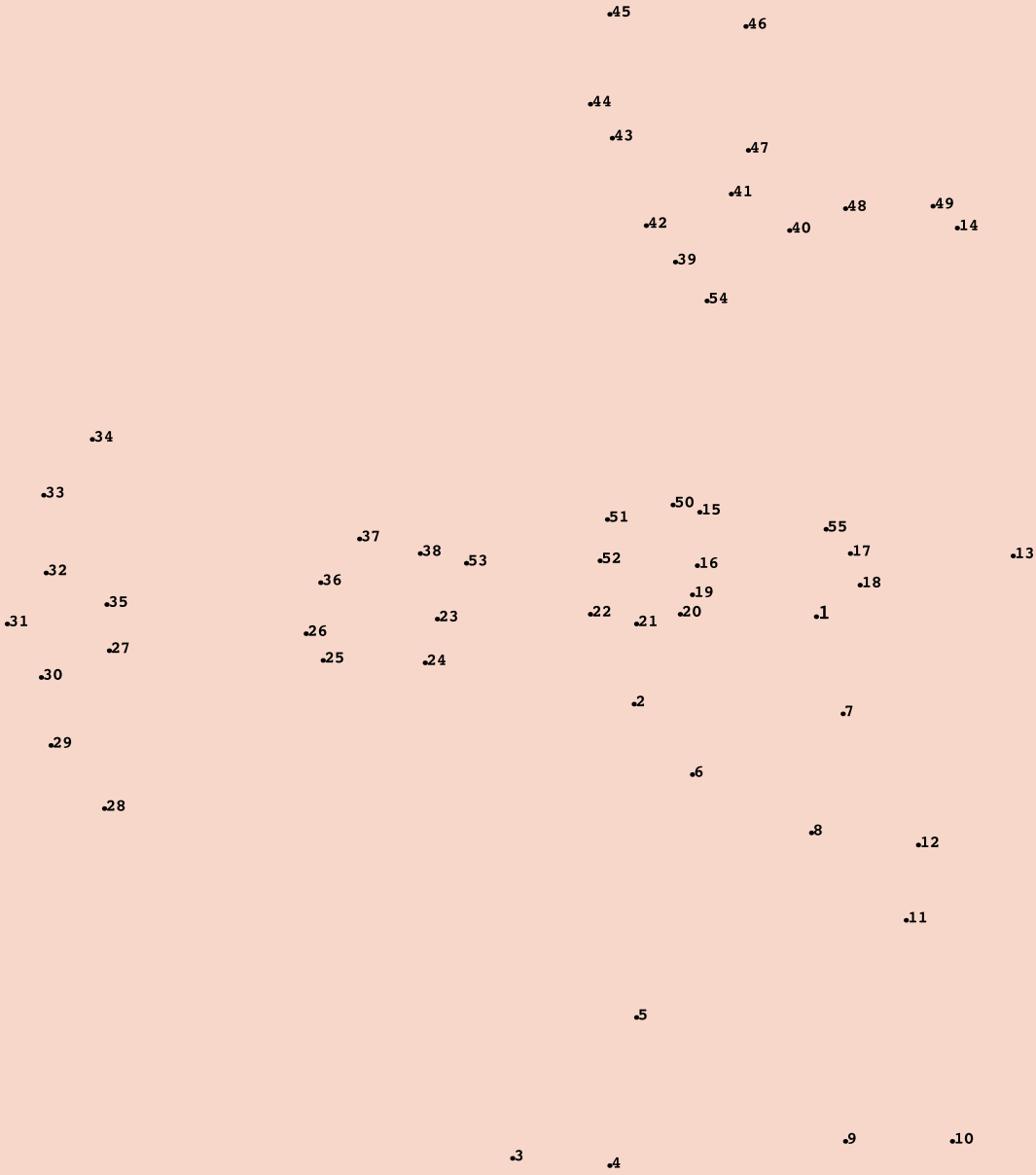
O nosso inconsciente coletivo está semeado por representações algo erróneas do que é o perigo das redes e dos sistemas digitais, de uma forma tão decisiva que ainda continuamos a temer ladrões encapuzados ao volante do seu computador. Ao mesmo tempo, atribuímos menos valor e indignação a outras ocorrências bem mais gravosas de abuso de confiança, como é um exemplo claro o recente escândalo da NSA e da vigilância global.

Vários ativismos – ou "hacktivismos" – surgiram ao longo dos últimos anos, longe da esfera do *cracking* e mais próximo do sentido original e positivamente ingénuo do *hacker*. Desde coletivos que contestam a intervenção excessiva das autoridades em casos como o Pirate Bay até grupos de cidadãos que, juntos, procuram esmiuçar a informação pública, para dela extrair alguma iluminação sobre a forma como a nossa sociedade se move, é nos "hacktivismos" que poderemos encontrar respostas para lidar com os dilemas que descrevemos. E promover a informação, a educação e a abertura, deixando de parte a demonização do mundo digital e as histórias hiperbólicas dos seus fictícios habitantes. O mundo digital é o mundo em que vivemos.

O poderoso computador do filme *War Games*, quando confrontado com o jogo do galo e a sua lógica, conclui laconicamente: "É um jogo estranho. A melhor jogada é não jogar de todo". Neste momento, estamos todos no jogo e não é plausível voltar atrás: estamos irremediavelmente enredados nas consequências que a massificação dos meios digitais em rede nos coloca. O que nos resta, neste momento, é perder os complexos face à tecnologia, procurar cultivar em nós e nos outros um grau de literacia digital e de postura crítica, e com ela tentar nivelar as relações de poder através da informação pública e da recusa determinada em aceitar incursões contra a privacidade individual e coletiva.

Joguemos, portanto, o jogo.

Versão integral em www.visoesuteis.pt/galeria/item/877



Unir os pontos

Depois de uma grande perseguição, os agentes secretos encontraram o criminoso que procuravam há muito tempo. Agora não há nada a temer: está finalmente na prisão, a cumprir a sua pena!

Une os pontos e descobre o castigo que foi dado a este bandido.

A G E N T E I R L D S R

G N Q E R C Y O U H O Z

A K A U N W Q P K D H H

E R V L H I L U I Z X M

P T Q C I O G A F L O R

A R N U J S R M B Z D I

Y E I E I T T Y A G E F

O S S V C V Y A H E R H

T K G I A O O Y L D G E

V K Z G N D N Y D E E D

AGENTE
ANALISTA
ARQUIVO
DUPLO
ENIGMA
FUGA
INOCENTE
PRIVADO
REDE
SEGREDO
SINAL
TRAIDOR

Sopa de Letras

As palavras estão metidas numa grande confusão! Estão escondidas mesmo à frente dos nossos olhos, e andam de um lado para o outro, para cima e para baixo, a direito e às avessas Tenta encontrá-las!

Labirinto do Drone

Os nossos aliados precisam de ajuda!

Os caminhos estão todos baralhados e o drone não sabe por onde seguir. Consegues ajudá-lo a chegar ao alvo certo? Cuidado – se te enganares podes acertar em inocentes, ou nos próprios aliados!

Estamos a ouvir, mas não estamos a escutar

JORGE PALINHOS*

Bem-vindo ao Teatro Carlos Alberto. Para aqui chegar talvez tenha vindo de automóvel, passando por portagens que identificaram o seu veículo, as horas a que passou, a velocidade a que seguia e a frequência com que faz este percurso. Talvez tenha vindo de transportes públicos, usando um passe com um *microchip* que regista o número, regularidade e itinerário das viagens que faz todos os meses. Se teve a sorte de vir a pé, é possível que tenha sido apanhado por câmaras de vigilância equipadas com sistemas de reconhecimento facial, que conseguem dizer quem é e, em algumas situações, qual o seu estado emocional ao caminhar.

Ao chegar ao teatro, talvez tenha comprado o seu bilhete com cartão multibanco ou cartão de crédito, informando assim o seu banco do local onde se encontra, da hora da transação e do tipo de compra. Ou então levantou o

* Escritor e docente do ensino superior.

dinheiro necessário numa caixa multibanco, que registou a sua transação e a sua imagem, apenas por uma questão de segurança, claro. Provavelmente, guardou o cartão multibanco na carteira, junto do cartão de cidadão, onde se encontram todas as suas informações fiscais, a identificação policial que o Estado fez de si e os seus dados médicos, e talvez de alguns cartões de cliente, que lhe dão descontos por ceder os seus dados pessoais às lojas que visita e as informar sobre o tipo de artigos que prefere comprar.

E junto da carteira é possível que tenha o seu telemóvel 3G, que permite que seja localizado com precisão a cada momento, além de registar quantas chamadas faz, para quem, com que duração, a quem manda SMS e qual o conteúdo.

E talvez seja o orgulhoso proprietário de um *tablet* ou de um *smartphone*, que lhe dão acesso à sua conta de *e-mail*, cuja empresa proprietária lhe rastreia as mensagens para saber que assuntos lhe interessam e que publicidade lhe poderá dirigir, e lhe dão acesso à sua conta de Facebook, ou outra rede social, que regista qual a sua formação, qual a sua profissão, qual o seu estado civil, que tipo de ligações partilha, com quem tira fotografias, com quem troca mensagens e sobre o quê. É possível que o *smartphone* ou o *tablet* tenham acesso a um sistema de armazenamento na nuvem, como o Dropbox, o Google Drive, o Skydrive, ou outro, que permitem às empresas que proporcionam este serviço aceder – por uma simples questão de segurança e melhor funcionamento – aos seus documentos pessoais e profissionais, projetos artísticos, rascunhos de romances, ideias de negócios, investigações científicas, manifestos políticos, trabalhos académicos, diários privados, cartas amorosas, fotografias íntimas, planos subversivos, etc., etc., etc.

Não tem via verde? Não tem passe de transportes públicos? Não usa multibanco? Não tem telemóvel, nem *e-mail*, nem Facebook? Parabéns. Está na lista de indivíduos potencialmente suspeitos, cuja estranha recusa em aceitar todas as comodidades que a sociedade lhe dá, a troco de manter uma ideia muito peculiar e, diga-se, arcaica de privacidade, o apontam como alguém que tem segredos inconfessáveis e ameaçadores para o Estado, e por isso talvez mereça uma investigação de maior proximidade, como ser alvo de escutas telefónicas ou de visitas inesperadas.

É por tudo isto que, apesar de ser apenas espectador de teatro, nesta peça do Visões Úteis, você é que é o sujeito, o observado, o analisado, o alvo para quem se olha, a quem se ouve, a quem se analisa.

Mas esteja descansado. Está a ser ouvido, mas não está a ser escutado. Ao contrário da espionagem clássica, em que eram olhos e ouvidos humanos que o escutavam, e um cérebro muito humano que o avaliava, usando as emoções, as afinidades, a psicologia, a arte, agora são os computadores e a matemática que o espiam: máquinas que varrem todos os seus dados em busca dos recantos obscuros, do pó que tenta esconder, dos laços inconfessáveis que o unem aos outros sujeitos, digo, pessoas, para saber quem ama, quem odeia, quem aprecia, com quem se dá, com quem concorda, com quem discorda, com quem está, com quem esteve, com quem vai estar, e fazer sobre si diagramas, gráficos, mapas mentais, estatísticas, quantificações de cliques, de gostos, de *pageviews*, de tempo de permanência, de movimentos oculares. E toda esta

informação sobre os gestos ínfimos do quotidiano é concentrada em centros de dados de *petabytes* e *zetabytes*, para que um dia os agentes da inteligência de sinais – SigInt, que são os protagonistas desta peça – possam descobrir um gesto, uma ligação, uma simpatia, que o tornem eternamente culpado, pois "é sempre o elemento humano que falha".

Isto são factos. E não há factos que possam mudar o mundo, apenas as interpretações desses factos. O Visões Úteis sabe disso e é isso que nos mostra nesta peça: a dificuldade da interpretação. Perante os factos, como interpretá-los de uma forma que faça sentido, que permita agir? "Não existe um pé universal. O formato dos pés pode ser distinguido em maioritariamente três tipos principais, tendo em consideração o tamanho dos dedos." Eis um facto. O que é que pode fazer com ele?

Pode, é certo, pensar sobre ele, partilhá-lo no Twitter, Facebook, *weblog*, *mail*, fazer anedotas sobre ele, comparar pés com amigos, dedicar-se a estudar o formato dos pés. Mas, esse facto vai mudar a forma como caminha? Como se relaciona com os outros? A sua opinião sobre como os passeios devem ser orientados? Vai comprar mais artigos de podologia? Financiar novos modelos de calçado que tenham em conta esta informação?

É sobre esta dificuldade, a dificuldade da interpretação, que se funda este espetáculo e, com a inteligência que caracteriza as produções da companhia, o Visões Úteis aborda essa dificuldade, usando as ferramentas clássicas do teatro para ajudar a situá-la no contexto dos dilemas sociais que o teatro nasceu para retratar.

Por isso, reconhecem-se na peça elementos da dramaturgia clássica, como o elemento do estrangeiro, do recém-chegado ou do ingénuo, a quem é necessário ensinar como a sociedade funciona, mas também o elemento do Coro, do grupo que proclama as verdades que regem o funcionamento do próprio coletivo.

Reconhece-se também o teatro dentro do teatro, que Pirandello tanto explorou, a fim de abordar a importância da ficção na realidade, da forma como o ilusório é quase sempre aquilo que comanda o real.

E são também reconhecíveis as personagens que investigam racionalmente, e obsessivamente, a sua condição, o enigma que as submete, bem à maneira de Beckett, sem que essa racionalidade e essa obsessão consigam salvar as personagens do vazio desolador em que se encontram e da forma sufocante como esse enigma as controla.

E o Visões Úteis faz-nos investigar essa ilusão pirandelliana e essa paralisia beckettiana através de três dos grandes mitos sociais do nosso tempo: o mito do fetiche, o mito da informação e o mito da ação.

Apresentando objetos, quais evidências irrefutáveis, a peça convoca a nossa crença – simultaneamente capitalista, cética e infantil – de que só o real é verdadeiro. Só a matéria, o produto, o resultado, a conclusão, o lucro, a estatística, o palpável importam para conhecer a verdade. E se o espectador pode ver, pode cheirar, pode tocar, pode contabilizar, como é que aquilo que tem à sua frente não pode ser verdadeiro?

E verdadeira, também, só pode ser a informação – a imensa informação – que a peça lhe faculta: informação objetiva, concreta, quantificada, percentual.

Afinal, a informação é poder e, como afirmou uma importante personalidade da vida política portuguesa do pós-25 de abril, "duas pessoas sérias com a mesma informação têm de concordar".[1] Mas e se essa informação, como toda a informação, for parcial, contraditória, confusa, ambígua, controversa e manipulável?

E se o espectador é chamado a participar, a agir, a interagir, a dar a sua opinião, a votar, a opinar, a expressar-se, como é que a sua experiência não pode ser autêntica, interessante, democrática e relevante? Ou seja, ser a vida verdadeira, mesmo que não passe de teatro fingido?

E se estamos a agir sobre objetos, a fazer coisas, a produzir resultados, a descobrir ligações, então como é possível não estarmos a pensar, a mudar o mundo, a torná-lo melhor? Não é a ação o verdadeiro pensamento? Não é, como afirmou uma importante personalidade europeia do século XX, a ação que "é a verdadeira democracia"?[2] Ou será, pelo contrário, a ação a negação do pensamento? E, afinal de contas, para quê pensar, quando se pode ter acesso a informação em qualquer momento e lugar, e agir com essa informação, ou, pelo menos, interagir com ela, ou, no mínimo dos mínimos, ficar confuso com ela?

Este tem sido o alicerce do percurso do Visões Úteis, um dos percursos mais coerentes e interessantes do panorama teatral português recente: colocar o pensamento ao serviço da ação teatral. O grupo pega em ideias ou questões que agitam os nossos dias e investiga-os exaustivamente, procurando encontrar o seu significado e o seu impacto nas nossas vidas, de uma forma que seja teatralmente relevante. E não deixa de ser também isso que fazem um pouco os anónimos analistas de informação de *Ficheiros Secretos*: procurar o sentido dos factos de que dispõem, sabendo bem que as suas interpretações podem mudar o mundo, mas também que, ao contrário dos factos, essas interpretações são falíveis porque são – inevitável e felizmente – humanas. E quando os analistas se detêm, perplexos, perante a quantidade, diversidade e continuidade da informação de que dispõem, também são os próprios membros do Visões Úteis que se perturbam com a informação que o mundo é capaz de arquivar – e insiste em arquivar –, mesmo que toda essa informação continue incapaz de nos salvar e possa, pelo contrário, paralisar-nos. É que perante o perigo, perante os olhos de uma criança que nos olha, nos aponta o dedo, nos grita "Americano! Americano!" em tom acusatório, nós continuamos sem saber como agir, sem outra solução que não seja a de voltar à lei da selva: matar ou ser morto.

1 Aníbal Cavaco Silva.

2 Adolf Hitler.

FICHA TÉCNICA TNSJ
coordenação de produção **Maria João Teixeira**
assistência de produção **Eunice Basto**
direção de palco (adjunto) **Emanuel Pina**
direção de cena **Cátia Esteves**
maquinaria de cena **António Quaresma, Carlos Barbosa, Joel Santos**
luz **Filipe Pinheiro, Abílio Vinhas, Nuno Gonçalves, José Rodrigues**
som **António Bica**

APOIOS TNSJ

APOIOS VISÕES ÚTEIS

O Visões Úteis é uma estrutura financiada pelo Governo de Portugal – Secretário de Estado da Cultura/Direção-Geral das Artes.

APOIOS À DIVULGAÇÃO

AGRADECIMENTOS TNSJ
Câmara Municipal do Porto
Mr. Piano/Pianos Rui Macedo

AGRADECIMENTOS VISÕES ÚTEIS
Fundação Escultor José Rodrigues
Susana Martins
António Santos
Dr.ª Sónia Ribeiro
Paulo Gomes
Carla Fernandes
Joaquim Costa
Dr. João Oliveira
Dr. Jorge Jorge
Carlos Magalhães
Hernâni

Visões Úteis
Fábrica Social
Rua da Fábrica Social, s/n
4000-201 Porto
T 22 200 61 44
mail@visoesuteis.pt
www.visoesuteis.pt
facebook.com/visoesuteis.teatro
twitter.com/visoesuteis

Teatro Nacional São João
Praça da Batalha
4000-102 Porto
T 22 340 19 00

Teatro Carlos Alberto
Rua das Oliveiras, 43
4050-449 Porto
T 22 340 19 00

Mosteiro de São Bento da Vitória
Rua de São Bento da Vitória
4050-543 Porto
T 22 340 19 00

www.tnsj.pt
geral@tnsj.pt

EDIÇÃO
Departamento de Edições do TNSJ
coordenação **Pedro Sobrado**
modelo gráfico **Joana Monteiro**
capa e paginação **João Guedes**
fotografia **João Tuna**
impressão **Empresa Diário do Porto, Lda.**

Não é permitido filmar, gravar ou fotografar durante o espetáculo. O uso de telemóveis ou relógios com sinal sonoro é incómodo, tanto para os intérpretes como para os espectadores.

P T Q C I O G A F L O

A R N U J S R M B Z D

Y E I E I T T Y A G E

O S S V C V Y A H E R

T K G I A O O Y L D G

V K Z G N D N Y D E E

T Q C I O G A F L O R

R N U J S R M B Z D I

E I E I T T Y A G E F

S S V C V Y A H E R H

K G I A O O Y L D G E

K Z G N D N Y D E E D